



PAISAGEM CULTURAL, TERRA, ÁGUA, FOGO E AR: (Praça do) Cruzeiro em Brasília

Eixo Temático: História e Historiografia da Arquitetura e do Urbanismo Modernos no Brasil

EDUARDO OLIVEIRA SOARES

Doutorando do Programa de Pós-Graduação/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade de Brasília (UNB), Laboratório de Estudos da Urbe (LabeUrbe), e-soares@hotmail.com

ANA CAROLINA CANUTO STRELETCKI

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), Universidade de Brasília (UNB), Laboratório de Estudos da Urbe (LabeUrbe), carol_canuto@hotmail.com

Resumo

Um cruzeiro instalado na cota mais alta da cidade já marcava a paisagem mesmo antes da definição de qual seria o projeto urbanístico que nortearia a construção de Brasília. Em 1955 uma cruz de madeira foi instalada no local que oferecia uma vista panorâmica da região. Em 1957, junto a esse cruzeiro, houve a Primeira Missa de Brasília, acompanhada por uma multidão. Com a construção da cidade, o cruzeiro ficou localizado no canteiro central de uma importante via de Brasília: o Eixo Monumental. A Praça do Cruzeiro, que recebeu tratamento paisagístico na década de 1970, é um lugar da memória do período de construção da cidade e um espaço de ócio e lazer dos visitantes. Uma praça que pode ser reconhecida enquanto Paisagem Cultural da cidade, pois o espaço físico e a cultura da sociedade estão fortemente imbricados. O objetivo do estudo foi analisar as características da Praça do Cruzeiro enquanto integrante da Paisagem Cultural de Brasília. Baseando-se livremente nos quatro elementos da natureza – terra, água, fogo e ar – apontados por Aristóteles, foi proposta a seguinte analogia: a *terra* está relacionada à ocupação inicial da cidade no cerrado; a *água* representa o elemento constituinte da praça, moldando o espaço de acordo com a necessidade dos diferentes períodos; o *fogo* representa o uso do local bem como o sol que ilumina a paisagem e testemunha práticas sociais ali ocorridas; e o *ar* está relacionado ao movimento, transformação, mudança, ação, tempo.

Palavras-chave: Brasília, Paisagem Cultural, Praça do Cruzeiro.

Abstract

A cross at Brasilia's highest point marked the landscape even before it had been defined the urban project that would guide the city's construction. In 1955 a wooden cross was installed on the site that has a panoramic view of the region. In 1957, next to this cross, there happened the First Mass of Brasilia, which was attended by a crowd. Once the city was constructed, the cross was located in the central area of a Brasilia's important avenue: The Monumental Axis. The Cross Square, which got a landscape treatment in the 1970's, is a place of remembrance of the period of the city's construction, and a space for leisure for its visitors. A square that came to be known as the city's Cultural Landscape, since the physical space and the society's culture are intrinsically linked. The study's goal was to analyze of the Cross Square's characteristics as a component of the Brasilia's Cultural Landscape. Relying freely on the four elements of nature – earth, water, fire, and air – pointed out by Aristotle, the analogy was proposed as it follows: land is related to the initial occupation of the city in the cerrado ecosystem; water represents the square's constituent element, shaping the space according to the need of the different periods; fire represents the place's use as well as the sun that illuminates the landscape and witnesses social practices that occurs there; air is related to movement, transformation, change, action, time.

Keywords: Brasilia, Cultural Landscape, Cruise Square.



PAISAGEM CULTURAL, TERRA, ÁGUA, FOGO E AR: (Praça do) Cruzeiro em Brasília

Introdução

No primeiro item do Relatório do Plano Piloto de Brasília, elaborado em 1957, Lucio Costa afirma que a proposta da nova capital “nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (COSTA, 1957, p. 20). A narrativa de Lucio Costa parece ecoar a instalação de um cruzeiro ocorrida anos antes no local que viria a receber a nova capital do país. Como que materializando essa imagem, em 1955 o Marechal Pessoa – responsável pelas atividades que aprofundaram o conhecimento do sítio em que Brasília foi construída – providenciou a instalação de uma cruz no ponto mais elevado da cidade (KUBITSCHKEK, 2000, pp. 32-33).

No Brasil a tradição de instalação de cruzeiros¹ foi iniciada junto com a colonização portuguesa. Mesmo após a proclamação da República e a pretendida separação entre o Estado e a religião, essa prática persistiu. Afinal, como indica Riolando Azzi (1977, p. 127), “mesmo durante o período imperial e a época republicana, o povo, principalmente na área rural, continuou a tradição de expressar a sua fé católica através da ereção de cruzes e cruzeiros”. Nas antigas terras das fazendas goianas prestes a transformarem-se em solo da nova capital os trabalhadores migraram trazendo consigo essa antiga tradição.

Antes mesmo do Edital do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, lançado em 30 de setembro de 1956, a cruz já marcava a paisagem da (futura) cidade. “Brasília é um futuro que aconteceu no passado”, afirma Clarice Lispector (1999, p. 50), nessa sentença que convida a refletir sobre a paisagem e o tempo.

O resultado do concurso que selecionou o projeto da Nova Capital² foi divulgado em março de 1957 e em 3 de maio de 1957 – data em que anualmente era celebrada pela Igreja Católica o *Dia da Invenção de Santa Cruz*³ – foi realizada uma missa na cota mais elevada do que viria a ser o Eixo Monumental de Brasília. O evento foi acompanhado por uma multidão (REVISTA BRASÍLIA, 1957, p. 3) e contou com a presença de Juscelino Kubitschek, o presidente da república. Junto ao cruzeiro de madeira instalado em 1955 foi construída uma estrutura provisória, criada por Oscar Niemeyer, composta de tablado, altar e cobertura de lona. Em pronunciamento durante a missa o presidente Juscelino Kubitschek celebrou o

dia em que Brasília, ontem apenas uma esperança e hoje entre todas a mais nova das filhas do Brasil, começa a erguer-se, integrada no espírito cristão, causa, princípio e fundamento da nossa unidade nacional; dia em que Brasília se torna autenticamente brasileira. Porque desde as suas origens o Brasil existe com a presença de Cristo. (REVISTA BRASÍLIA, 1957, p.1)

¹ Seguindo o uso comum na cidade, utilizamos cruz e cruzeiro indistintamente.

² Em 16 de março de 1957 foi declarado o projeto vencedor para o concurso do plano piloto de Brasília: a proposta do arquiteto Lucio Costa.

³ Segundo Manoel João Francisco (2018), “dia 14 de setembro a Igreja católica celebra a Exaltação da Santa Cruz. É uma festa muito antiga. Tem suas raízes no século V, ao menos em Jerusalém. Em Roma se celebrava a ‘Invenção, ou seja, o Encontro da Santa Cruz’, no dia 03 de maio. Em 1960, as duas festas foram unificadas”.



A partir de então, o cruzeiro ficou associado à realização da Primeira Missa da cidade e ainda hoje marca a paisagem⁴. Um local que materializa um lugar da memória dos primórdios da construção de Brasília. Como afirma Pierre Nora (1993, p. 13), “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea (...). Sem vigilância comemorativa, a história deprime os varreria”.

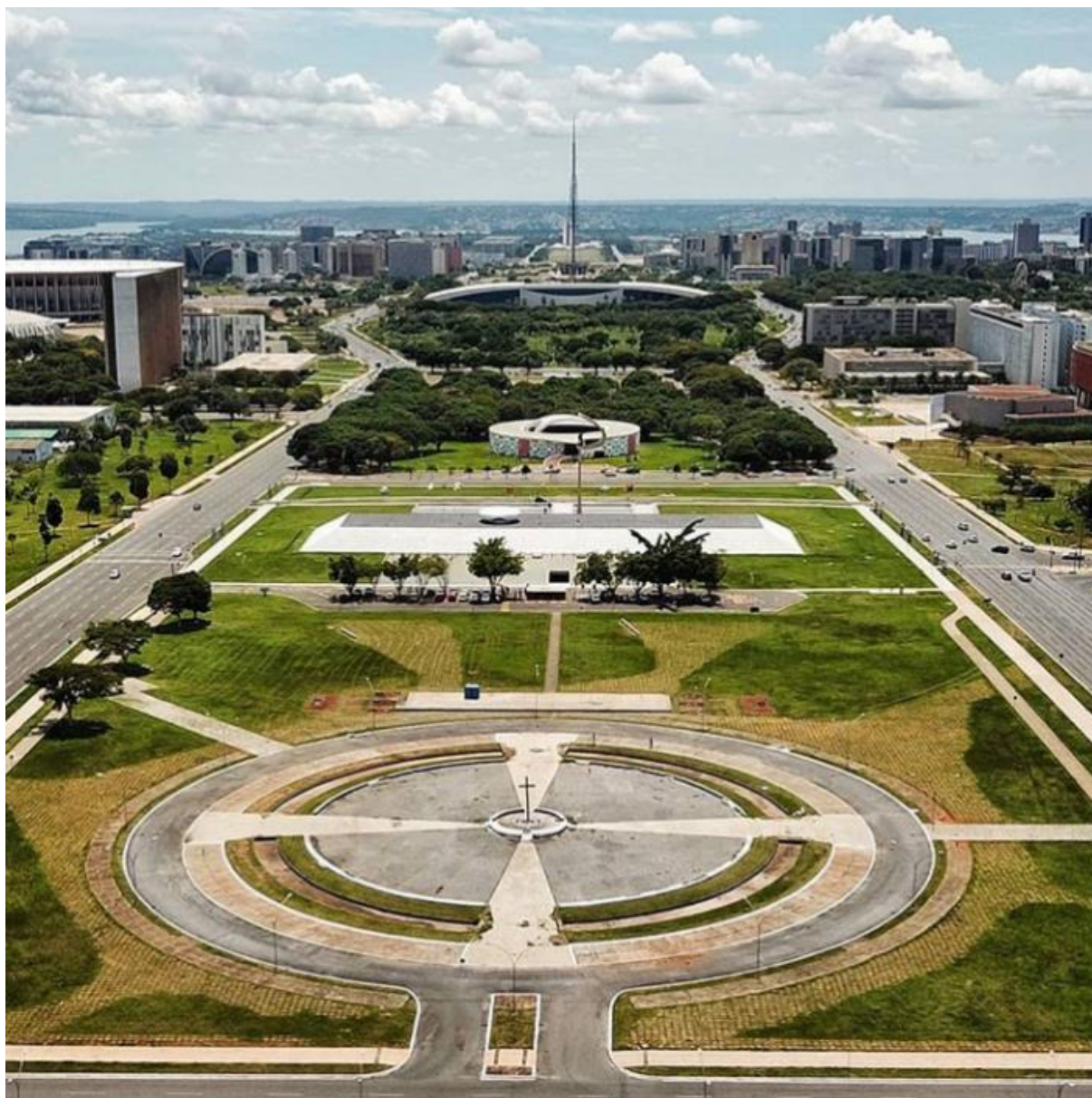


Fig. 1: Praça do Cruzeiro no ano de 2019.

Breno Fortes, 2019. Fonte: <<https://www.instagram.com/p/Bs2vtumgjtV>>. Acesso maio 2019.

Na década de 1970 o local recebeu projeto paisagístico. Conhecida como Praça do Cruzeiro, o espaço recebe visitantes a procura de momentos de ócio e lazer – é um movimentado ponto para a apreciação do pôr do sol – e continua vinculado à celebração da fé e ao processo de construção da cidade. É um marco da Paisagem Cultural de Brasília,

⁴ A cruz original encontra-se na Catedral de Brasília. Ao ar livre, no local da Primeira Missa, há uma réplica.



pois concilia aspectos sobre o território e a cultura abrangendo uma cronologia que se inicia antes mesmo da construção da cidade e se estende até os nossos dias (Fig. 1).

O objetivo do estudo foi analisar as características da Praça do Cruzeiro enquanto integrante da paisagem de Brasília se baseando nos quatro elementos da natureza – terra, água, fogo e ar – utilizados pela teoria de Aristóteles⁵ e à luz de uma abordagem do conceito de Paisagem Cultural.

É possível decompor a paisagem considerando as seguintes características. A *terra* está relacionada à ocupação inicial da cidade no cerrado e oferece-nos a sua dimensão material – o local de implantação do cruzeiro. A *água* representa o elemento constituinte da praça, moldando o espaço de acordo com a necessidade dos diferentes períodos. O *fogo* representa o uso do local bem como o sol que ilumina a paisagem e testemunha práticas sociais ali ocorridas, que incluem o deslumbramento da visão do entorno. O *ar* está relacionado ao movimento, transformação, mudança, ação, tempo.

Na Antiguidade os quatro elementos propunham uma divisão de natureza metafísica, mas, no caso desse texto, utilizamo-los para registrar a interdependência entre o sítio físico, o espaço construído, o uso e o tempo na constituição da paisagem.

Paisagem Cultural

Dentre as várias abordagens sobre o conceito de paisagem, registramos a de Karina Dias, que ao especular sobre a percepção da paisagem no cotidiano afirma que ela é

(...) uma forma de enquadramento designado pelo olhar. Uma eleição que conjugaria simultaneamente o individual, íntimo e pessoal e o coletivo, social e cultural. Cada um de nós traz consigo suas “molduras culturais” que a um só tempo, individualizam as várias formas de ver e atestam o compartilhamento de impressões. Múltiplas maneiras de ver, de ser e de compreender o mundo. (DIAS, 2010, p. 126)

Portanto há múltiplas – e talvez até contraditórias – maneiras de se perceber uma mesma paisagem pois ela é expressão e impressão. A paisagem abrange questões relacionadas à cultura de uma sociedade que podem ser identificadas por meio do ambiente natural, do espaço construído e do uso à luz de um período temporal. A percepção extrapola o sentido da visão, pois aspectos relacionados ao olfato, paladar, audição e tato também influenciam na percepção da paisagem.

Diferentes campos de conhecimento – tais como os da arte, fotografia, morfologia, espacialidade, história, cultura, geografia – abordam o conceito de paisagem. Para o presente estudo interessa-nos uma abordagem holística sobre a arquitetura, o urbanismo e a paisagem, conhecida como *Paisagem Cultural*, termo consolidado a partir da década de 1980. Essa denominação unifica a abordagem de aspectos relacionados às dimensões natural e cultural da sociedade, apresentando-as como práticas culturais produzidas sobre o meio natural e transformadas ao longo do tempo, de forma integrada.

⁵ A teoria dos quatro elementos, já utilizada por Empédocles, foi retomada pelo filósofo Aristóteles – por volta de 350 A. C. – por meio da observação e do aprofundamento de outras teorias filosóficas. Aristóteles acreditava que tudo o que existia no universo seria composto por quatro elementos. Apesar de ser uma teoria filosófica do passado, o artigo traz à tona estes elementos pela sua natureza transcendente e contemplativa de pensar a realidade material.



Assim sendo, o conceito de Paisagem Cultural – resultado de discussões sobre o sentido da paisagem natural e da paisagem urbana – abrange tanto os conjuntos arquitetônicos quanto o seu próprio sítio físico. A paisagem – que em outras vertentes é um panorama dos bens ali construídos – ao ser abordada enquanto paisagem cultural é considerada “como constituinte do próprio bem” (RIBEIRO, 2007, pp. 96-97) trazendo em si natureza e sociedade.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, UNESCO, estabeleceu em 1992, o instrumento legal para o reconhecimento desse tipo de paisagem. Segundo a UNESCO as paisagens culturais são

ilustrativas da evolução da sociedade e dos assentamentos humanos ao longo do tempo, sob a influência das determinantes físicas e/ou oportunidades apresentadas por seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, tanto internas, quanto externas. (UNESCO, 1999)⁶

No Brasil a denominação de Paisagem Cultural foi assimilada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN. Com vistas a proteger a relação entre o homem e a paisagem natural, em 2009, foi publicada a portaria nº127/IPHAN instituindo a paisagem cultural para “territórios amplos, singularizados pelo dinamismo do patrimônio e pela interdependência entre natureza e cultura, esse último muitas vezes representado pelas dimensões materiais e imateriais” (DEPAM, 2011).

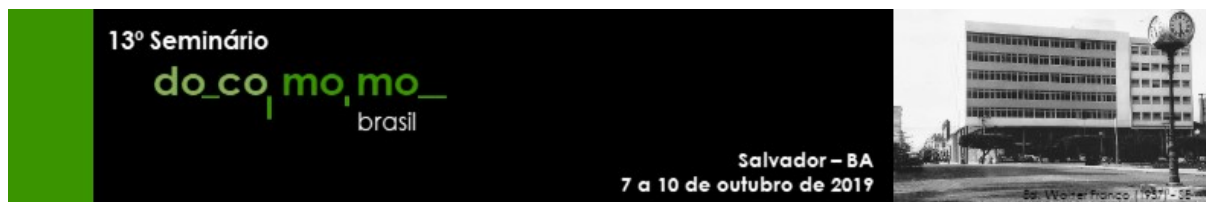
Apesar do debate sobre o conceito de Paisagem Cultural ocorrer desde a década de 1980, as discussões sobre esse tema vêm se renovando e ganhando destaques nos dias de hoje, assimilando (ainda mais) questões relacionadas ao patrimônio, à globalização e ao campo da Geografia. Impulsionados por uma corrente humanista, alguns geógrafos consideram não somente os estudos provenientes da objetividade, mas de forma conciliada, também aqueles advindos das leituras e dos valores subjetivos da paisagem como um instrumento de maior interpretação, uma imagem percebida enquanto detentora de aspectos tanto da região quanto das relações ali vividas.

Enquanto cenários do mundo vivido, as paisagens geográficas vislumbram horizontes de símbolos e signos em contínuo dinamismo, transmitindo mensagens que falam, silenciosamente da percepção, da valorização, da busca dos significados inerentes às uniões e rupturas do ser humano com o seu espaço vivido. (LIMA, 2000, p.9)

Em alguns locais o espaço físico e a cultura da sociedade que o utiliza parecem estar intimamente imbricados. Independente da chancela formal de entidades como a UNESCO⁷ ou o IPHAN, a Praça do Cruzeiro em Brasília pode ser abordada à luz do conceito de Paisagem Cultural. A praça pode ser avaliada em aspectos relacionados à religiosidade, ao patrimônio, à história e ao uso. No âmbito da religiosidade, contém símbolo de uma demarcação espacial. No de patrimônio, é uma herança material e imaterial do processo de ocupação e construção da cidade, sendo relevante artefato da sua história. O local é testemunho das relações e das práticas sociais em seu meio, incluindo manifestações que remetem à percepção e memória da nova capital. A história de Brasília se inicia bem antes

⁶ Definição conforme as Diretrizes Operacionais para a Implementação da Convenção do Patrimônio Mundial da UNESCO.

⁷ No Brasil a UNESCO conferiu à cidade do Rio de Janeiro a chancela de Paisagem Cultural em 2012: Rio de Janeiro, Paisagens Cariocas, entre a Montanha e o Mar – o sítio compreende os elementos naturais “que moldaram e inspiraram o desenvolvimento da cidade” considerando as montanhas do Parque Nacional da Tijuca até o mar. Incluem o Jardim Botânico, as Montanhas do Corcovado, os morros ao redor da Baía de Guanabara, paisagens da Praia de Copacabana – “que contribuíram para a cultura de vida ao ar livre”. Além do reconhecimento pela “inspiração artística dos musicistas, paisagistas e urbanistas” (UNESCO, s.d.).



da sua inauguração em 1960, afinal, antes de ser cidade, já havia a *terra* vermelha do Planalto Central.

Terra

Tecendo considerações sobre a Praça do Cruzeiro à luz do conceito de Paisagem Cultural e tendo por base uma analogia com os elementos *terra*, *água*, *fogo* e *ar*, iniciamos registrando aspectos sobre a *terra*, o sítio em que ela está instalada. É ela, a *terra*, que nos recebe ao final de um percurso. Ela também influencia na percepção da identidade de um povo.

Em seu estado natural a terra pode se apresentar por uma coloração branca, parda, acinzentada, colorida. Em Brasília a terra é vermelha. A *terra* em contato com os demais elementos compõe a natureza. Com a interação do homem sobre o meio natural, à terra são agregados valores e memórias ao lugar.

As terras vermelhas do Planalto Central e sua vegetação de cerrado, presentes no interior do país, constituíram local de interesse para um trabalho intenso de 18 meses de estudos e observações científicas, no período entre 1892 e 1893. Liderada pelo engenheiro Luiz Cruls, expedição científica realizou a demarcação de um quadrilátero de 14.400 quilômetros quadrados. Esta tarefa empenhada pela Missão Cruls⁸ demarcaria o que viria ser, 65 anos depois, a futura *terra* da Capital Federal.

As condições favoráveis do clima do Planalto Central notadamente na área quadrilátera, a potabilidade de suas águas e beleza dos panoramas, foram, sem dúvida, os três fatores que impressionaram vivamente tanto a Luiz Cruls quanto a todos os seus companheiros, quer da Comissão Exploradora do Planalto Central, quer da Comissão de Estudos da Nova Capital, que identificou o local ideal para situar a nova cidade-sede do poder central brasileiro. (VASCONCELOS, 1978, p. 181)

Dentre as justificativas apresentadas pelos técnicos para localização da Nova Capital, há o registro de que a *terra* escolhida facilitava a conexão com as demais terras da Federação. Com isso impulsionaria a unidade nacional. Além disso, era provida de beleza de paisagens e “centro de gravidade do mapa simbólico” (VASCONCELOS, 1978, p. 288).

O ponto mais alto do sítio que recebeu Brasília⁹ é circundado por suave declividade em todos os lados e serve de mirante para uma borda, mais elevada, que margeia a capital. Luiz Henrique Guimarães Castiglione (2010, p. 109) cita duas cruzeiras erigidas nessa cota mais elevada do território. Uma, mais singela, foi colocada por Bernardo Sayão Carvalho Araújo, engenheiro agrônomo envolvido nas atividades de expansão da infraestrutura para o interior do país. Outra cruz foi instalada a pedido do marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, que, a partir de 1954, presidiu a Comissão de Planejamento e Coordenação de Mudança da Nova Capital Federal. Dentre as contribuições do Marechal Pessoa relacionadas a transferência da capital do país Juscelino Kubitschek destaca uma questão

⁸ A Missão Cruls foi formada por duas comissões. A primeira, Comissão Exploradora do Planalto Central (1892-1893) explorou o Planalto Central do Brasil para delimitar uma área correspondente ao quadrilátero de 14.400 Km². A segunda, Comissão de Estudos da Nova Capital da União (junho de 1894) tinha como objetivo escolher na área demarcada a melhor condição para edificação da nova capital (VASCONCELOS, 1978: p.166).

⁹ O território que abriga Brasília era ocupado por fazendas do estado de Goiás. Lenora de Castro Barbo resgata que no mapa *Novo Distrito Federal – Planta Índice Cadastral*, datado de 1958, “pela primeira vez, o projeto de Lucio Costa para o Plano Piloto tem seu esboço lançado em mapa sobre as terras da fazenda Bananal (...). Na fazenda Bananal, está desenhado o Plano Piloto e, ainda, o cruzeiro da primeira missa de Brasília (...)” (BARBO, 2018, pp. 107-108).



(...) relacionada com a sua formação religiosa. Trata-se da ereção de uma cruz de madeira no denominado Sítio Castanho – o local mais alto de Brasília –, onde se encontra desde maio de 1955, e, hoje, é conhecida como Cruzeiro. Essa cruz constitui a verdadeira pedra fundamental da cidade. É, sem dúvida, seu marco histórico, e muito mais expressivo do que a placa, fundida no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, e colocada perto da cidade de Planaltina, dentro do Quadrilátero Cruls. (KUBITSCHEK, 2000, pp. 32-33)

A tradição de instalação de cruzeiros em terras que estavam sendo desbravadas integravam a prática da colonização portuguesa. Como relata Cesar Alberto Ranquetat Júnior, “um dos primeiros atos que o colonizador português efetuou após desembarcar por estas terras foi a realização de uma missa. Nessa ocasião foi afixada uma cruz na areia de Porto Seguro, litoral sul da Bahia (...)” (RANQUELAT JÚNIOR, 2012, p. 47).

A cruz, intimamente vinculada a um contexto de punição e suplício no âmbito do Império Romano, foi ressignificada com a ascensão do cristianismo. No Brasil, serviu como símbolo do processo de dominação visando a catequização dos povos que aqui já habitavam. Para quem crê era – e é – símbolo de fé. Como destaca Riolando Azzi,

desde o início, a cruz serviu tanto como expressão da religião oficial como da devoção popular, mas evidentemente com conotações diversas em um e outro caso. Nos primórdios da colonização do Brasil, a cruz foi utilizada na religião oficial, seja como marco de conquista, seja como local de culto. O povo deu sempre grande importância ao ato de erigir cruzes, através das quais expressava a sua devoção. (AZZI 1977, p. 127)

A curiosa coincidência – se é que o acaso as permite – da menção da cruz no Relatório do Plano Piloto de Brasília deposita uma nova camada no processo de desbravamento das terras ocupadas pela nova capital. Luisa Videsott interpreta que

o interesse pelos mitos e rituais de fundação é trazido à tona pelas palavras da memória descritiva de Lucio Costa: ao evocar o poder do sinal da cruz para assinalar um lugar e determinar sua posse, ele chama à memória, deliberadamente, um imaginário importantíssimo que explica, justifica, afirma, relata, abençoa, sacramenta, historiciza, mitifica a posse de um lugar. (VIDESOTT, 2009, p. 33)



Fig. 2: Altar-monumento armado sob um vasto toldo de lona, no ponto mais alto dos limites da cidade.
Fonte: Revista Brasília, 1957, p. 6.



Em mais um momento de consagração da *terra* escolhida para edificação da cidade foi realizada a Primeira Missa em 3 de maio de 1957 (Fig. 2). Em trilhas dentre a vegetação do cerrado os fiéis se dirigiram à cruz em madeira com dimensões de 8,25 x 2,30 m. A celebração que ocorreu junto ao cruzeiro também marcou os quatrocentos e cinquenta e sete anos da chegada dos portugueses – e da realização da primeira missa – no Brasil. O ato cristão se repetiria diante de uma cruz, dessa vez, erguida no cerrado do Planalto Central de onde se configuraria uma nova paisagem urbana nacional.

O evento atraiu uma multidão: autoridades eclesiásticas e políticas se deslocaram de todo o país para prestigiar a Primeira Missa. Mais de 15 mil pessoas estavam presentes (REVISTA BRASÍLIA, 1957, p. 3).



Fig. 3: Cruzeiro e Altar da Primeira Missa.
Fonte: Revista Manchete, 1958, pp. 16-17.

O acesso era precário, afinal as obras de infraestrutura da cidade estavam apenas iniciando. Junto ao cruzeiro foi construído um altar projetado por Oscar Niemeyer. Essa obra de arquitetura de caráter provisório era composta por tablado de madeira e seis estruturas



verticais, também de madeira, que suportavam lona atirantada (Fig. 03). Na *Revista Brasília* há o registro que “sob um imenso toldo de lona, em chão assoalhado, lembrando em tudo o ambiente primitivo e singelo da Primeira Missa do Brasil, estava armado o altar monumental, em cujo centro ficou a imagem de N. S.^a Aparecida” (REVISTA BRASÍLIA, 1957, p. 5).

A construção de Brasília sintetizou um momento de modernidade, expansão da infraestrutura ao centro do país e celebração da relevância cultural da nação. A aposta no futuro do Brasil ocorreu em concomitância com manifestações que revelaram tradições arraigadas na sociedade. Por isso, o cruzeiro instalado em Brasília é também um símbolo do embate de um projeto de nova cidade com uma tradição consolidada na sociedade. O periódico *A Gazeta*, de São Paulo, noticiou que

revestiu-se de particular significado a celebração da Primeira Missa em Brasília, a nova Capital do país. No mesmo dia em que, há 457 anos, Frei Henrique de Coimbra selou, com a elevação da Cruz e a Primeira Missa, a posse da Terra de Santa Cruz para a coroa de Portugal e para as conquistas da civilização cristã. Brasília, a nova Capital, não podia ter outra cerimônia a integrá-la na comunhão nacional como a primeira de suas unidades municipais. (A GAZETA, SÃO PAULO, 04/05/1957, *Apud* REVISTA BRASÍLIA, 1957, p. 16)

Já estava definido o projeto urbanístico que a cidade seguiria, o próximo passo viria a ser a efetiva construção. O evento simbolizou o início de mais uma etapa da construção de Brasília, serviu para reafirmar a determinação da mudança da capital, e gerou vários registros textuais e fotográficos. Luisa Videsott afirma que

a profusão desse tipo de fotografias – as pessoas e a cruz – induz a interpretar os instantâneos como a citação das representações que celebram as fundações das cidades brasileiras: evoca claramente partes das pinturas (...) que descendem da tela de Victor Meireles, Primeira Missa no Brasil de 1861. Chama a atenção o fato de que todos esses atos, ao estabelecer uma genealogia e uma justificativa sagrada para a existência das cidades brasileiras, são associados ao estabelecimento de uma cruz, isto é, a um ritual católico. (VIDESOTT, 2009, p. 35)

Após a missa, o cruzeiro obviamente foi mantido, afinal a tradição de “símbolos, imagens e monumentos católicos nos espaços públicos e privados remonta ao período colonial e imperial, estendendo-se durante o regime republicano, até os dias atuais” (RANQUELAT JÚNIOR, 2012, p. 87). A memória de que a implantação da cruz foi realizada em 1955 pelo Marechal Pessoa foi esmaecida. O cruzeiro no ponto mais alto da cidade passaria a representar, também, um local de memória da realização da Primeira Missa. Uma recordação de que a *terra*, com as bênçãos do divino, havia sido conquistada.

O elemento *terra* pode ser vinculado a perenidade, porém, o cruzeiro passaria a integrar a paisagem de uma cidade. Já o elemento associado a mudanças é a *água*.

Água

Este marco da memória religiosa daria espaço para a Praça do Cruzeiro. A Praça está localizada¹⁰ no canteiro central do Eixo Monumental de Brasília, que se estende desde a antiga Rodoferroviária da cidade até a Praça dos Três Poderes. A leste a Praça do Cruzeiro é circundada pelo Memorial JK – projetado por Oscar Niemeyer –, edificação destinada a

¹⁰ Nas imediações da praça estão localizados os bairros do Cruzeiro Velho e Cruzeiro Novo.



reverenciar a memória do presidente Juscelino Kubitschek. Ao sul e a oeste há o cerrado, com vista desimpedida para o horizonte. Ao norte, o cerrado e edificações de baixo gabarito.

Na segunda metade da década de 1950 a paisagem do que viria a ser a Praça do Cruzeiro ainda era dominada pelo cerrado. No entanto as atividades de desapropriação das terras que abrigariam a nova capital e o levantamento topográfico já haviam iniciado, pois a Constituição Federal de 1946 havia instituído a transferência da capital para o planalto (BRASIL, 1946).

A atividade de locação da cidade segundo o projeto de Lucio Costa, realizada por Jofre Mozart Parada e a sua equipe de topógrafos foi iniciada em 20 de abril de 1957. Ela partiu do cruzeiro por ser o ponto por ser o mais alto da cidade – na cota 1.172 m. Foi localizado junto ao cruzeiro o marco topográfico da cidade (Fig. 4) – identificado atualmente por um marco geográfico – que serviu de referência para a demarcação de todo o Plano Piloto. A partir deste marco foi locada a chamada Estaca Zero, fixada no cruzamento dos Eixos Monumental e Rodoviário, onde está localizada a Rodoviária. O engenheiro agrimensor Ronaldo de Alcântara Velloso, integrante da equipe de Parada, relembra que o escritório da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, NOVACAP,

no Rio mandou pra gente o azimute. Esse ângulo foi determinado no Rio de Janeiro. Brasília partiu do Cruzeiro, onde tem um marco de coordenadas do IBGE. Com uma equipe de uns 10 homens, fomos descendo com o teodolito, locando o Eixo Monumental até a Praça dos Três Poderes. Depois, então, determinaram-se as asas, o Marco Zero. É chamado de Zero porque pra um lado era a Asa Sul e pra o outro, a Asa Norte. (CORREIO BRAZILIENSE, 2011)



Fig. 4: Marco geográfico localizado pela bandeira branca, à direita da cruz, onde foi erguida a Praça do Cruzeiro.
Fonte: Arquivo Público do DF/ Fundo Novacap - 1957.

No plano piloto elaborado por Lucio Costa não havia a locação da cruz pré-existente naquele local. Esse cruzeiro inseriu na proposta da nova capital – pretensamente utópica, inovadora e desvinculada das antigas tradições urbanísticas – um elemento que replica a ação dos colonizadores portugueses no momento da chegada ao Brasil em 1500.

Ao redor do cruzeiro da Primeira Missa da cidade foi realizado o paisagismo da praça em meados da década de 1970, com 10,00m de diâmetro (Fig. 5). Não há documentação sobre a autoria do projeto junto ao Arquivo Público do Distrito Federal. O paisagismo é formado por anéis concêntricos que enaltecem o cruzeiro localizado em seu centro e abrigam alguns



elementos: pequeno espelho d'água, banco – com um estratégico nicho inferior utilizado como local de acender velas –, área pavimentada – praça seca –, gramado, espelho d'água, passeio de pedestres e estacionamento. A água reflete tonalidades das cores do céu do cerrado que remetem a significados de contemplação e religiosidade.



Fig. 5: Construção do paisagismo da Praça do Cruzeiro. Fonte: Arquivo Público do DF.

No ano de 1981 foi inaugurado em lote contíguo a Praça o Memorial Juscelino Kubitschek, criando um anteparo no lado leste¹¹.

Em 2008, por iniciativa do Governo do Distrito Federal, GDF, foi instalada na Praça do Cruzeiro uma estrutura provisória – composta por madeira e lona verde atirantada por cordas – com características semelhantes ao altar original a fim de reconstituir o cenário da Primeira Missa. Essa estrutura, porém, foi substituída por outra em que a dimensão original

¹¹ Registra-se que o lote a oeste da Praça está destinado ao Memorial Liberdade e Democracia Presidente João Goulart, projetado por Oscar Niemeyer, que, se construído, alterará substancialmente a paisagem do local (CORREIO BRAZILIENSE, 2015).



do altar de 20,00 m foi ampliada para 50,00 m de extensão. Essa nova estrutura – denominada pelo GDF de *Memorial da Missa Campal* – era feita de ferro com cabos de aço. A iniciativa não contou com a anuência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, que negociou a retirada da estrutura do local (CORREIO BRAZILIENSE, 2009). Esse elemento foi instalado como portal de entrada do parque Taguaparque localizado na cidade satélite de Taguatinga (G1, 2019).

Assim como a *água* se ajusta às diferentes situações da *terra*, o local em que o primeiro cruzeiro foi instalado foi sutilmente sendo modificado. Primeiramente era um elemento fincado no meio do cerrado. Após, parte integrante de uma praça que é circundada por um em espelho d' *água*.

A localização geograficamente privilegiada conjugada com a narrativa histórica da Primeira Missa e com a qualidade do projeto paisagístico contribuem para a vitalidade do local. Com isso, no decorrer das décadas há um reconhecimento da sociedade da relevância da Praça. Maria da Assunção Pereira Rodrigues afirma que “(...) cada momento histórico produz uma paisagem que reflete a relação entre o homem (sociedade) e o meio natural, a qual pode ser vista como a ordenação do ambiente, de acordo com as necessidades e, também, de acordo com uma imagem ideal” (RODRIGUES 2016, 45-46). Portanto a “sobrevivência” de um local depende do endosso da sociedade contemporânea. Quantas praças ou locais relevantes não sucumbem à falta de atenção das sociedades e dos gestores públicos?

A Praça do Cruzeiro, nesses quase sessenta anos de Brasília, conjuga reconhecimento como local da memória com a vitalidade da vida urbana. Pode-se dizer que lá há um *fogo* que atrai permanentemente visitantes.

Fogo

O elemento *fogo*, remete ao uso do espaço. Gottfried Semper, a respeito dos elementos que constituem a arquitetura, nomeia como fogo o atrativo de um local que instiga a visita e a permanência. Afinal era ao redor do fogo que ocorriam as comemorações das vitórias em batalhas e a realização de cultos religiosos (SEMPER, 1989, 102).

Na Praça do Cruzeiro um atrativo é a topografia que permite a visualização do entorno e do pôr do sol. O local encanta quem o conhece desde antes da inauguração da cidade. Juscelino Kubitschek relata uma de suas visitas, em 2 de outubro de 1956, pouco depois do lançamento do concurso para o projeto da nova capital.

Quando o avião sobrevoou o local da futura capital, concentrei-me em observar a região. Era um descampado infinito, com suaves ondulações no terreno, que não ultrapassavam a altura de 200 metros. Tudo era chato e amplo — a vastidão desconcertante do vazio. Lá estava o cruzeiro, de braços abertos, como que saudando os intrusos que chegavam pelo céu. Além do cruzeiro, via-se a fita de terra vermelha da pista de pouso. (...)

Visitei, em seguida, o local onde se erguia o cruzeiro, o qual, sendo o ponto mais elevado da região, permitia uma visão de conjunto do cenário que emolduraria a futura capital. A vista era maravilhosa. Com Oscar Niemeyer, que se encontrava ao meu lado, examinamos mapas, assinalando os acidentes topográficos e tomando conhecimento das distâncias. Até então não tínhamos qualquer ideia de como seria a cidade. (KUBITSCHEK, 2000, pp. 51-52)

Do ponto mais alto se avistava as bordaduras da região. Foi então aos “pés da Santa Cruz” que decisões importantes da cidade foram tomadas. Com auxílio de mapas foram definidas



a localização do núcleo de apoio a construção – o Catetinho – e demais edificações vitais nesse momento anterior a escolha do projeto da nova capital. Havia urgência na locação desses locais, porém eles não poderiam criar empecilhos para a criação das propostas para a futura capital. Brasília nasceria a partir de um Cruzeiro, conforme afirma Elias Manoel da Silva, diretor de Pesquisa, Difusão e Acesso do Arquivo Público do DF.

Antes de Brasília ter seu Plano Piloto, já se discutia onde seria o aeroporto definitivo e o Palácio da Alvorada e um hotel. Brasília nasce na Praça do Cruzeiro. (Revista GPS, 2018)



Fig. 6: Pôr do sol observado na Praça do Cruzeiro - Eixo Monumental.

Fonte: Secretaria de Turismo do DF. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/Bx3HFTwjp6E/>> Acesso em maio de 2019.

O Palácio da Alvorada – residência oficial da Presidência da República – e o Brasília Palace Hotel foram inaugurados ainda em 1958.



Na atualidade, conforme já foi dito, a parte leste da Praça é limitada pelo Memorial JK, que pela sua silhueta característica – pirâmide truncada e estátua de JK no pedestal – reforça o vínculo do local com o período de construção da cidade. Também é possível observar a Torre de TV. Projetada por Lucio Costa e inaugurada na primeira década da cidade.

A oeste, a vista para o pôr do sol – e a percepção do *fogo* – é desimpedida. Por isso pode-se admirar o horizonte e o característico céu da cidade (Fig. 6).

O céu de Brasília foi cogitado como elegível enquanto Paisagem Cultural da cidade. O céu tão perceptível e único foi tema de discussão entre os técnicos do IPHAN quando da construção de uma política de preservação. Apesar de não ser aceito como um bem, os tons do céu são testemunhados diariamente por aqueles que desfrutam da cidade, distinguindo-a de outras paisagens brasileiras. Ainda que não configure um bem legal, este mesmo céu enquadra os significados de uma Paisagem Cultural (STRELETCKI & MEDEIROS, 2018).

Seguindo a tradição de realização de missas no local, ocasionalmente a Praça do Cruzeiro é palco de celebração religiosa relembrando a data de 3 de maio – a da Primeira Missa –, ou de 21 de abril – inauguração da cidade. Foi na Praça do Cruzeiro que foram realizadas as missas em comemoração dos 20 e dos 25 anos de Brasília, por exemplo. Junto ao cruzeiro da praça uma prática comum é o acendimento de velas por devotos de diversas crenças. É o *fogo* da religiosidade. O nicho existente no banco ao redor da cruz favorece essa prática. Na cidade sem esquinas, o cruzeiro é um local estratégico, ritualístico e de fácil acesso.



Fig. 7: Bloco *Babydoll de Nylon*, 2017. Fonte:

<<https://www.facebook.com/babydolldenylon/photos/a.298507766872545/1336581549731823>>. Acesso em maio de 2019.



E não são só velas que são acendidas. Cigarros de diferentes tipos também os são. Também comumente são ligados sons de variados ritmos – sejam no carro ou no celular, criando uma paisagem sonora.

Recentemente a Praça também é um movimentado ponto de parada de *food trucks*, que dinamizam o local mesmo no período noturno. Dezenas de equipamentos participam semanalmente do circuito gastronômico. Essa atualização do tradicional “vendedor ambulante” tem na Praça do Cruzeiro um local privilegiado, pois ela está localizada no caminho para as populosas cidades satélites da parte sul da cidade, sendo um estratégico ponto de parada contanto, inclusive, com estacionamento. Alguns eventos que reúnem os *food trucks* também incluem música ao vivo e se valem da vista do pôr do sol para divulgá-los.

No irregular calendário carnavalesco da cidade, a Praça do Cruzeiro já sediou animada multidão de foliões de um bloco (Fig. 7) no ano de 2017. O frenesi do evento foi tema de numerosos registros fotográficos nas redes sociais. Como pontua Luiz Gonzaga Motta (2017, p. 49), “através das novas tecnologias, o público tomou para si um protagonismo maior do contar”. Em redes sociais digitais, como o Instagram e o Facebook, a paisagem do local é registrada e divulgada. Em uma busca nessas duas redes – utilizando o recurso da geolocalização – percebe-se o uso da praça como local de festivais gastronômicos; campanha política; celebração de igreja evangélica; pequenas apresentações musicais; ponto de partida para cavalgada, passeio motociclista, corridas de rua e *triathlon*.

Nesse ponto mais alto do sítio em que Brasília está localizada, o *fogo* simbolicamente está presente tanto na percepção do tórrido sol – principalmente na época da seca – quanto nas atividades desenvolvidas no cotidiano da cidade. É no ócio da contemplação e no lazer conjugado com gastronomia e música que, passadas várias gerações desde a Primeira Missa, a Praça vai reafirmando sua relevância para a cidade e sua sobrevivência ao tempo. Nela pode-se observar a paisagem e sentir a brisa com o *ar* de Brasília.

Ar

O *ar* pode ser relacionado à mudança e ao tempo. Sopros que impulsiona as práticas sociais revelando os seus significados e as relações entre aspectos da cultura e da natureza da Paisagem Cultural. O *ar* interage com a natureza e a cultura e infla o significado do lugar.

Brasília nas primeiras décadas era famosa pela pureza do seu *ar*. Ampolas com o *ar* da cidade eram vendidas como *souvenir*.

O *ar* se por um lado não é visível, por outro nos faz perceber as mudanças no decorrer do tempo. O seu caráter religioso não se perdeu, mas a este outros foram acrescentados. A praça se transformou e se atualizou.

A paisagem tem uma identidade e expressa um valor que convida à vivência deste espaço. Em uma cidade política ela diverge de seu extremo leste onde está situada a praça mais famosa de Brasília. A Praça dos Três Poderes é palco de solenidades cívicas, de manifestações de cunho político e de contemplação da arquitetura. A Praça do Cruzeiro, de eventos do cotidiano, de manifestações religiosas e da contemplação do pôr do sol.

Uma paisagem cultural concilia aspectos do ambiente natural e construído, da sociedade e da cultura, do passado e do presente (Fig. 08). Uma paisagem não é apenas forma, mas também permanência. Como frisa Maria Tereza Duarte Paes,



se a paisagem é sempre uma herança material e simbólica, um patrimônio coletivo, um continente de signos e significados históricos e espacialmente localizados, como afirma Ab'Saber, ela é também a nossa esperança de permanência. É nesse fragmento da totalidade do espaço que o tempo, ou a memória, se cristaliza, perpetuando a noção de continuidade. (PAES, 2107, p.76).



Fig. 8: A lua, Memorial JK e a Torre de TV observados a partir da Praça do Cruzeiro. Fonte: Fotografia e Astronomia / Leo Caldas. Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BxkOZBOjMMP/>>. Acesso em maio de 2019.

O que caracteriza a Praça do Cruzeiro transcende à sua forma, pois conjuga aspectos da identidade, memória, transformações e apropriações do espaço. Acrescentamos a essa abordagem sobre a paisagem as palavras de Carlos Fernando de Moura Delphim (2005) que afirma que o valor de Paisagem Cultural conserva “registros antrópicos” como marcas de tempos anteriores, o que nos permite entender a representação simbólica de um lugar.



O *movimento do ar* vai imprimindo materialidade ao tempo, resultante da relação homem/natureza. “É da natureza das paisagens se transformar. Contudo, se consideramos que as paisagens são construídas socialmente, elas não se esgotam” (DELPHIM, 2005).

O elemento *ar* circula livremente na cidade de Brasília. Estruturada segundo os princípios do desenho urbano de uma cidade-parque, a paisagem natural foi previamente planejada nos seus amplos espaços. Os processos que moldaram a configuração atual da praça alteraram a paisagem original – de um cruzeiro dentre o cerrado – e introduziram novas funções e valores. Ainda assim a memória do passado se faz presente no local.

Sandra Jatayh Pesavento faz uma reflexão sobre a memória e o patrimônio urbano no tempo, o resgate da memória do passado, sua transformação e renovação rumo a construção de um futuro:

Habitar uma cidade, viver em espaço urbano é, forçosamente, dotá-la de condições para que nela se exerça a vida para além do tempo do agora, do cotidiano da existência. O presente da cidade, tempo da vida, é um momento no espaço onde se reabilita o passado da *urbs*, material e imaterial, para que nela as pessoas se reconheçam e identifiquem, ancorando suas referências de memória e história. Mas o presente das cidades é também aquele tempo onde se pensa o futuro, se articulam planos e projetos de renovação do espaço, em antecipação, por vezes utópica, de um outro tempo ainda a realizar-se. Uma cidade, pois, inventa seu passado e cria o seu futuro para explicar o seu presente. (PESAVENTO, 2005, p. 14)

Se o *ar* é um elemento que significa mudança, a paisagem da Praça do Cruzeiro foi transformada pela cultura ao longo do tempo, e, por isso, apropriada e vivenciada pela população. Assim como *terra*, *água*, *fogo* e *ar* são complementares, os vários elementos constituintes da paisagem também o são. O *ar* movimenta a *terra* original, *água* que se adapta às novas situações, o *fogo* atrai e aquece.

Considerações finais

Os elementos *terra*, *água*, *fogo* e *ar* foram utilizados alegoricamente para apresentar a Praça do Cruzeiro enquanto Paisagem Cultural. Independente da segmentação proposta para a análise de paisagens, o essencial é compreender o que ela representa do todo.

A Praça do Cruzeiro é tanto referência histórica, como um local contemporâneo, religioso, pagão, contemplativo, local de encontro dos moradores da cidade que carrega consigo processos culturais e naturais da *terra*, *água*, *fogo* e *ar* do Planalto Central. Dela é possível observar o sol, a lua e monumentos construídos em diferentes momentos históricos da cidade.

A apreensão da Paisagem Cultural da Praça do Cruzeiro concilia elementos da história, religiosidade, identidade e memória de Brasília. A cruz fincada no alto do cerrado de Brasília marcou o desejo de posse do local e ainda hoje simboliza o cruzamento entre o passado e o futuro.

Referências

AZZI, Rioldo. Catolicismo Popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. **Religião e Sociedade**, v. 1, n. 1, pp. 125-149, 1977.

13º Seminário

do_co_mo_mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



BARBO, Lenora de Castro. Estradas coloniais do planalto central na cartografia histórica. *In* SILVA, Elias Manoel da, e VIEIRA JÚNIOR, Wilson (Org.). **GOYAZ: Guia de cartografia histórica**. Brasília: Arquivo Público do Distrito Federal, 2018, pp. 82-115.

BRASIL. Constituição (1946). **Constituição da República Federativa do Brasil**.

CASTIGLIONE, Luiz Henrique Guimarães Brasília. Codinome Vera Cruz: a comissão engenheira que fundou as bases da construção da nova capital. *In*: SENRA, Nelson de Castro (Org.). **Veredas de Brasília: as expedições geográficas em busca de um sonho**. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 2010, pp. 93-113.

CORREIO BRAZILIENSE. **Cai por terra o mito segundo o qual Brasília nasceu na Rodoviária do Plano**. Brasília, 30 de julho de 2011. Disponível em <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2011/07/30/interna_cidadesdf,263255/cai-por-terra-o-mito-segundo-o-qual-brasilia-nasceu-na-rodoviaria-do-plano.shtml>. Acesso em 09/02/2019.

CORREIO BRAZILIENSE. **Memorial a Jango não tem entrave, segundo Iphan e Administração de Brasília**. Brasília, 29 de março de 2015. Disponível em <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/03/29/interna_cidadesdf,477450/memorial-a-jango-nao-tem-entrave-segundo-iphan-e-administracao-de-brasilia.shtml>. Acesso em 09/02/2019.

CORREIO BRAZILIENSE. **Tenda deixará o Eixo Monumental**. Brasília, 12 de março de 2009. Disponível em <www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/03/12/interna_cidadesdf,88019/tenda-deixara-o-eixo-monumental.shtml>. Acesso em 09/02/2019.

COSTA, Lucio. Relatório do Plano Piloto de Brasília. 1957. *In*: Governo do Distrito Federal. **Relatório do Plano Piloto de Brasília**. Brasília: GDF, p. 18-34, 1991.

DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **O patrimônio Natural no Brasil**. Rio de Janeiro: IPHAN, 21 de julho de 2005.

DEPAM. **Relatório de uma gestão 2006-2010**. Brasília, 2011. datil.

DIAS, Karina. **Entre visão e invisão: paisagem: por uma experiência da paisagem no cotidiano**. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

FRANCISCO, Manoel João. **Exaltação da Santa Cruz**. Setembro de 2018. Disponível em <<http://www.cnbb.org.br/exaltacao-da-santa-cruz-2/>>. Acesso em maio de 2019.

G1 DISTRITO FEDERAL. **Por que isso é assim?** Taguaparque guarda réplica da tenda da primeira missa realizada em Brasília. 26 de abril de 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/03/26/por-que-isso-e-assim-taguaparque-guarda-replica-da-tenda-da-primeira-missa-realizada-em-brasilia.ghtml>>. Acesso em 09/02/2019.

KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

LIMA, Solange Terezinha de. **Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem**. GEOSUL jan de 2000: 7-33.

LISPECTOR, Clarice. **Pra não esquecer**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa: Teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. *In* **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas**



epistemológicas, SOSTER, Demétrio de Azeredo e PICCININ, Fabiana Quatrin (Org.), pp. 47-63. Santa Cruz do Sul, 2017.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC/SP**, dez. de 1993, n. 10, pp. 7-28.

PAES, Maria Tereza Duarte. Paisagem cultural e patrimonialização contemporânea da cultura: apontamentos geográficos. Coordenação editorial Leonardo Barci Castriota, Mônica de Medeiros Mongelli. **Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ**, Pelotas, v. 2, n. 4, 2005.

RANQUEAT JÚNIOR, Cesar Alberto. **Laicidade à brasileira: um estudo sobre a controvérsia em torno da presença de símbolos religiosos em espaços públicos**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRSG PPGAS, 2012.

REVISTA BRASÍLIA. **Número Especial da Primeira Missa**. Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, NOVACAP. Ano I, n. 5. maio de 1957.

REVISTA GPS/Lifetime. **Muito além do horizonte: GPS desvenda a Praça do Cruzeiro, ícone da capital**. Agosto de 2018. Disponível em <<https://gpslifetime.com.br/conteudo/variedades/artigos/8/muito-alem-do-horizonte-gps-desvenda-a-praca-do-cruzeiro-icone-da-capital?page=263>>. Acesso maio de 2019.

REVISTA MANCHETE, Rio de Janeiro, Edição 0302, Ano 1958.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RODRIGUES, Maria da Assunção Pereira. **Ressignificação histórico-social da praça na cidade média brasileira: análise das praças de formosa de Goiás**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Brasília: FAU UnB, 2016.

SEMPER, Gottfried. **The four elements of Architecture. A contribution to the comparative study of Architecture**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

STRELETCKI, Ana Carolina Canuto; MEDEIROS, Ana Elisabete de Almeida. O Mar de Brasília é o Céu: Narrativas de uma paisagem. In: **[Anais do ...] XIV ENEPEA**, 2018, Santa Maria. XIV ENEPEA Santa Maria 2018 – Escalas da Paisagem – dos Fragmentos à Reconnectividade. Santa Maria: UFSM, 2018. p. 1241-1252.

UNESCO, Rio de Janeiro: **Carioca Landscapes between the Mountain and the Sea**. S.d. Disponível em <<http://whc.unesco.org/en/list/1100>>. Acesso em maio de 2019.

UNESCO. **Operational guidelines for the implementation of the World Heritage Convention**. Paris: World Heritage Centre, 1999.

VASCONCELOS, José Adirson de. **A mudança da Capital**. Editora Independência Ltda, Brasília. 1978.

VIDESOTT, Luisa. **Narrativas da construção de Brasília: mídia, fotografias, projetos e história**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). USP São Carlos EESC, 2009.